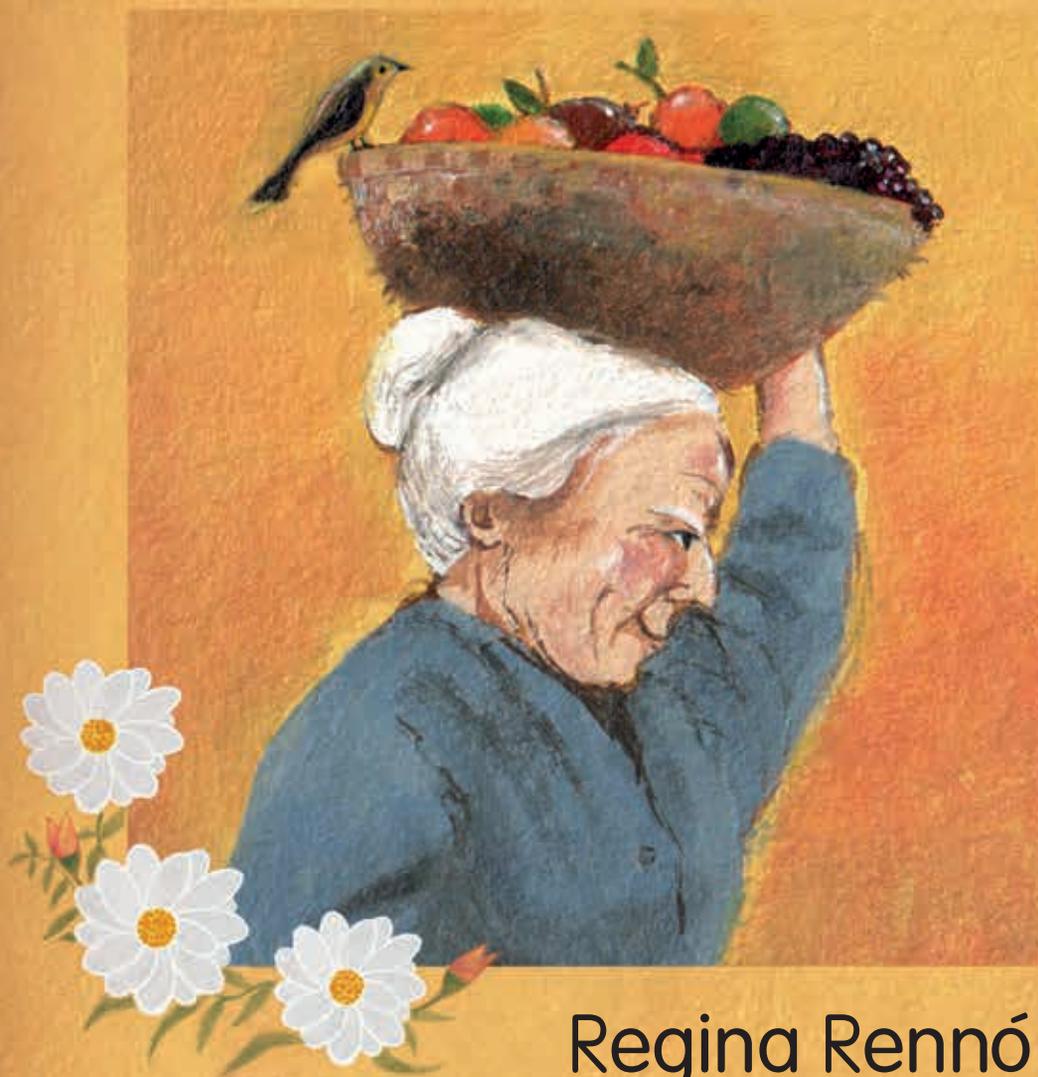


ANGELINA



Regina Rennó

Manual do Professor

Giuliano Lellis Ito

**Tanta
tinta**
EDITORA

© Giuliano Lellis Ito, 2021.

Editora

Elaine Caniato

Textos

Giuliano Lellis Ito

Capa e Diagramação

Elaine Caniato

Revisão

Doralice Jacomazi



Editora TantaTinta Ltda.

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul
Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

tantatinta.com.br - contato@tantatinta.com.br

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| Carta ao professor _____ | 4 |
| Reflexão preliminar _____ | 6 |
| Atividades de pré-leitura _____ | 10 |
| Atividades de leitura _____ | 16 |
| Atividades de pós-leitura _____ | 20 |
| Bibliografia comentada _____ | 25 |
| Sites _____ | 27 |

CARTA AO PROFESSOR

Prezado(a) Professor(a),

Espero que este manual seja útil para as aulas que já planejou e auxilie a inserir *Angelina* em seus planos.

Antes de tudo, gostaria de dizer que *Angelina* traz a história de uma mulher do meio rural, que tinha uma relação íntima com o espaço onde habitava, suas atividades eram todas ligadas à natureza. Sua casa era construída com os materiais disponíveis, como a madeira e o barro. Seu dia a dia era baseado em apanhar os gravetos, cuidar de sua horta, de seu pomar e de seu jardim. Esse ambiente é apresentado com singeleza e nos mostra uma vida simples integrada à natureza.

Quando a vida de Angelina deixa de existir, passamos a acompanhar o crescimento urbano, a ocupação do território pelas construções. Não só a personagem desaparece, o próprio espaço onde ela habitava se transforma e, conforme o tempo passa, some da lembrança, pois nem Angelina, nem a natureza estão mais ali para estabelecer uma relação com o passado.

Toda essa narrativa curta, com características do conto, é maravilhosamente ilustrada, o que auxilia muito a compreensão da história. Regina Rennó (2020, p. 35), autora do livro, se descreve do seguinte modo:

Autora e ilustradora, produzo textos verbais e imagéticos, construo narrativas, mas não sei a quantidade. Perdi a conta. Foram muitos livros, eu trabalhei sem parar desde essa época até agora com o livro infantil.

Como podemos constatar por suas próprias palavras, Regina Rennó é uma escritora e ilustradora bastante prolífica, sua obra divide-se entre livros com ilustrações e texto e outros somente com imagens, todos eles entram na condição de narrativas. Além desse trabalho com os livros infantis, Regina também atua com artes plásticas, área em que possui grande reconhecimento.

Neste ponto, passemos à habitual apresentação da autora. Regina Rennó

é mineira de Itajubá, cursou artes plásticas e artes gráficas pela Fundação Escola Guignard, com especialização em modelagem e litografia, o que explica o porquê das belas ilustrações presentes no livro. No campo da literatura, ela publicou mais de 40 livros, sendo pelo menos 26 deles narrativas somente com imagens.

Sem dúvida, Regina Rennó destaca-se por conseguir articular seus diversos saberes, dando vazão à sua criatividade em campos artísticos diferentes.

Nesse sentido, *Angelina*, além de sua ótima realização, apresenta uma história adequada para discutirmos as mudanças dos espaços e suas consequências em nossas vidas. Além disso, a articulação entre imagens e texto favorece a literacia e pode incentivar a leitura domiciliar.

A proposta de atividades relacionadas a este livro busca valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, articulando-as com as vivências dos professores e dos alunos. Com isso, tivemos o cuidado de criar uma sequência entre as atividades, fazendo com que elas sejam complementares (Cf. BRASIL, 2018, p. 57-58), cumprindo a estratégia de retomada dos conteúdos conforme avançamos.

Na questão educacional, devemos ter em conta que os primeiros anos do Ensino Fundamental figuram como um período de transição entre a vida pré-escolar e a vida escolar. Assim, sugerimos alguns exercícios que possam estabelecer novos modos de relação com o mundo através da leitura literária. Com isso, esperamos oferecer ao professor elementos para articular as atividades propostas neste manual às suas.

Enfim, objetivamos estabelecer uma relação com a leitura literária e, a partir disso, exercitar as habilidades e atitudes relacionadas à comunicação em língua materna, seja ela oral ou escrita. Dessa forma, pretendemos alcançar uma prática produtiva, que leve o aluno a uma melhor compreensão das diversas camadas que a língua possui (Cf. BRASIL, 2019, p. 21).

Neste momento, desejo que este manual possa auxiliá-lo(a) na preparação das aulas, oferecendo um material proveitoso para o enriquecimento do cotidiano escolar.

Bom trabalho!

REFLEXÃO PRELIMINAR

A ideia de trabalhar com a leitura de um livro com duplo direcionamento, as imagens e a escrita, surge como uma dificuldade e uma qualidade: primeiro, porque precisamos trazer aos alunos a diferença entre as duas linguagens; segundo, porque precisamos levá-los para o mundo dos signos linguísticos. A partir dessa articulação, imaginamos que seja possível fazer um percurso que facilite a compreensão sobre as linguagens presentes em *Angelina*.

Nesse sentido, vamos propor a dessensibilização através da apreciação de uma pintura de Joan Miró, intitulada *Femmes et oiseau au clair de lune* [Mulheres e pássaro ao luar], obra de fácil acesso nos labirintos da internet. Sugerimos a versão disponível no site da Tate¹. Caso surja o interesse de observar outras obras de arte, um ótimo site para visualização é o do Art Institute Chicago². Essa etapa servirá para exercitar o olhar das crianças, pois vamos permitir que elas observem a pintura e tentem identificar as imagens presentes no quadro.

A segunda etapa será pautada pela leitura de uma ou mais imagens e a construção de uma narrativa a partir delas. Para isso, sugerimos a utilização do material *Memórias da literatura infantil e juvenil*, elaborado pelo Museu da Pessoa e disponível em seu site³. Nele, há ilustrações de Gian Calvi que podem ser utilizadas nesta dinâmica.

Depois dessas duas atividades de pré-leitura, podemos nos aproximar do livro *Angelina*, que deve cumprir a etapa de leitura e será composta de dois momentos. O primeiro deles é apresentar o livro para a sala, mostrar suas imagens ainda a distância. Como o livro é ricamente ilustrado por Regina Rennó, facilita muito nosso trabalho de apresentação. O segundo momento é a própria leitura, que deve levar em conta a articulação entre as imagens e a escrita.

1 Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/miro-women-and-bird-in-the-moonlight-n06007>

2 Disponível em: <https://www.artic.edu/collection>

3 Disponível em: <https://museudapessoa.org/>

Logo após a leitura do livro e das atividades relacionadas a ela, podemos passar à etapa de pós-leitura. Nesse momento, vamos inverter aquela primeira etapa, pois vamos ler dois poemas e pedir para que os alunos desenhem o que imaginam sobre eles. Depois de desenhar, eles podem contar a história, descrevendo o que os fizeram escolher representar uma coisa ou outra.

Antes de começarmos a descrição mais pormenorizada das atividades, faz-se necessário esclarecer alguns pontos que nos levaram a escolher os caminhos de abordagem de *Angelina*. Começamos pela ideia de que há um processo de aquisição do conhecimento atrelado ao contexto social. Assim, vemos este livro como uma reflexão sobre uma questão que pode ser interessante à boa parte, se não a todas, das pessoas: a mudança espacial dos lugares que habitamos e vivemos. Nessa perspectiva, devemos buscar apoio em materiais teóricos que possam sustentar nossa prática educativa.

Vamos partir da própria estrutura do livro. Há em *Angelina*, a personagem, a personificação de uma memória do lugar onde viveu, seus hábitos e práticas. Por outro lado, percebemos que o próprio lugar possui uma história, que ocorre para além de *Angelina*. Essa estrutura permite ao professor refletir sobre as mudanças dos espaços no entorno da escola, próximos às casas dos alunos, ou, de modo mais amplo, da própria cidade. Nesse sentido, o livro apresenta uma articulação entre o individual e o social, pois participamos da memória individual de *Angelina* e percebemos a intervenção do social no espaço onde a personagem vivia.

Com essa perspectiva, podemos retomar o questionamento de Donalddo Macedo (2011, p. 58), feito a Paulo Freire: “Será possível evitar o embate permanente que existe entre a consciência individual e a consciência coletiva?”. A resposta do educador brasileiro será um ótimo guia para nossa sequência didática, pois podemos ler o seguinte:

Se se tomar o tratamento individualista da dimensão social, uma prática educativa torna-se crítica quando um educador [...] tem um diálogo com os alunos e os desafia metodicamente a descobrir que uma postura crítica implica necessariamente o reconhecimento da relação entre objetividade e subjetividade. Eu a chamaria de crítica, porque, em muitos casos, os indivíduos

ainda não se terão percebido como sendo socialmente condicionados. Quando desafiados por um educador crítico, os alunos começam a compreender que a dimensão mais profunda de sua liberdade encontra-se precisamente no reconhecimento das coerções que podem ser superadas. Então descobrem, no processo de se tornarem cada vez mais críticos, que é impossível negar o poder constitutivo de sua consciência na prática social de que participam. Por outro lado, percebem que, mediante sua consciência, ainda que não seja ela a artífice todo-poderosa de sua realidade social, eles transcendem a realidade estabelecida e a questionam. Essa diferença de comportamento leva o indivíduo a se tornar cada vez mais crítico; isto é, os alunos assumem uma postura crítica na medida em que compreendem como e o que constitui a consciência do mundo. (MACEDO, 2011, p. 58).

Compreendendo postura crítica como uma forma de aprendizado, devemos notar que a estrutura comentada de *Angelina* reflete justamente a ideia de crítica apresentada na resposta de Freire. Isso quer dizer que este livro presta-se ao processo de constituição da criticidade. Neste caso, o processo que queremos incentivar é o de articular a “consciência individual” e a “consciência social”, atrelar as mudanças do espaço e a percepção pessoal sobre essas mudanças, inter-relacionar os processos sociais e os subjetivos.

Uma das formas como isso aparece no livro é seu modo tradicionalmente estrutural: a divisão entre autor e personagem. Explico melhor. A posição de um autor de ficção, desde meados do século XX, é precária. Alguns afirmaram sua morte, outros o buscaram de modo abstrato, porém devemos lembrar que um livro como *Angelina* apresenta já em sua capa essa dupla indicação, em que o título do livro é um nome próprio e vem escrito em letras maiúsculas e, logo abaixo, temos um outro nome próprio em fontes menores. Neste caso, encontramos a personagem, elemento ficcional e interno à narrativa, dividindo a página com a autora, elemento social e externo à narrativa.

Para entender melhor essa posição do autor e sua criação, devemos voltar nosso olhar para o prefácio de *Memórias da literatura infantil e juvenil*, escrito por Luiz Percival Leme Brito, no qual, em dado momento, lemos o seguinte:

Assumindo a face anônima de quem é simultaneamente pessoa e personagem (de si e do mundo) na figura de autor, o trabalho de registro das histórias dos fazedores de história projeta, para além da face aparente do espaço público (em que cada um ocupa um lugar de representação), a forma e a matéria íntima de suas existências, de suas presenças materiais, corpóreas, viventes. E isto nos permite admirar o tempo do ser, o tempo do fazer e o tempo do representar como dimensões complementares da criação mesma da arte. (CARVALHO; SEVERIANO, [s.d.], p. 9).

A comunicação criada pela escrita deixa suspensa a relação entre o individual e o social. Seria como se autor e personagem concentrassem duas faces em uma só, em que a ficcional buscaria o social, através da leitura, e a referencial, através da pessoa física, compreendesse o subjetivo. Ainda nesse sentido, devemos destacar que a forma como entendemos o autor deve estar atrelada ao nome, à palavra, que designa aquele livro e o coloca em conjunto com outros que trazem a mesma autoria. Então, não podemos, e isso deve ficar entre nós, professores, por enquanto, atribuir o conteúdo da narrativa à vida do autor.

A relação entre autor empírico e autor tem no horizonte a discussão crítica apresentada por Paulo Freire. Afinal, a leitura como processo social permite uma reflexão sobre o próprio leitor. Assim, um questionamento sobre o que está posto se encontra no campo da crítica. Contudo, devemos notar todas as direções que estão dispostas num texto. A princípio, percebemos a exploração da experiência do autor, que, quando constituída pela tecitura textual, estabelece uma relação entre individual e social. Nesse contexto, Regina Rennó (2020, p. 38) traz uma reflexão que nos ajuda a entender um pouco mais esse contexto:

Eu sempre achei que toda minha vida influenciou no meu trabalho e continua influenciando. Eu era uma criança que lia contos de fadas, eu amava os contos de Grimm e, principalmente, porque as ilustrações eram belíssimas, então eu mergulhava naquilo, eu lia e relia muitas coisas porque minha mãe nos proporcionava isso. Nós não tínhamos tantos livros, mas eram livros importantes e essas leituras influenciaram muito a minha vida.

Notem que a narrativa da escritora apresenta o duplo direcionamento do texto, o ponto de partida de sua reflexão é a escrita, mesmo espaço onde se encontram o questionamento e o ponto de vista crítico da leitura. Ou seja, ela aponta que sua produção depende de sua vida e, por isso, as leituras de sua infância foram frutíferas, porém há uma reflexão crítica sobre tais leituras, o que resulta em novas narrativas.

Quando visualizamos esse mecanismo, fica um pouco mais fácil pensarmos como a leitura entra na vida dos alunos. Nesse sentido, a presença de um livro como *Angelina* na sala de aula pode fornecer um ótimo momento de reconhecimento, em que o aluno possa olhar seu entorno, os outros alunos, os professores e os funcionários da escola, ou o próprio lugar por onde passa, as casa, os prédios, as árvores, etc.

Esse processo deve ser o primeiro estágio da construção de sua consciência crítica. Pensando na relação entre eu e o mundo, entre consciência individual e social, podemos lembrar um comentário de Magda Soares (2001, p. 16), na apresentação de seu memorial, documento que serve de reflexão sobre seu percurso profissional e pessoal: “os meus dias não são meus, são nossos”.

ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA

As atividades de pré-leitura a seguir contemplam as seguintes habilidades do componente de Língua Portuguesa para os anos iniciais do Ensino Fundamental, estabelecidas pela BNCC: EF15LP09, EF15LP10, EF15LP12, EF15LP16, EF15LP19, EF01LP25.

Como primeira atividade de leitura sugerimos um exercício de observação e reconhecimento de imagens de uma pintura de Joan Miró, intitulada *Femmes et oiseau au clair de lune* [Mulheres e pássaro ao luar]. Com isso, nosso objetivo é dessensibilizar o olhar do aluno para a obra de arte.

Acreditamos que o testemunho de Alberto Manguel (2001, p. 20) sobre seu contato com um quadro de Van Gogh possa nos dar uma direção para essa apresentação aos alunos:

[...] as imagens que minha tia me apresentou naquela tarde não ilustravam nenhuma história. Havia um texto: a vida do pintor, fragmentos de cartas ao seu irmão, que não li senão muito mais tarde, o título das pinturas, sua data e local. Mas em um sentido muito categórico, aquelas imagens se mantinham isoladas, desafiadoras, me aliciando para a leitura. Nada havia para eu fazer exceto olhar para aquelas imagens: a praia cor de cobre, o barco vermelho, o mastro azul. Olhei para elas demorada e atentamente. Nunca as esqueci.

O quadro a que Manguel se refere é o seguinte:

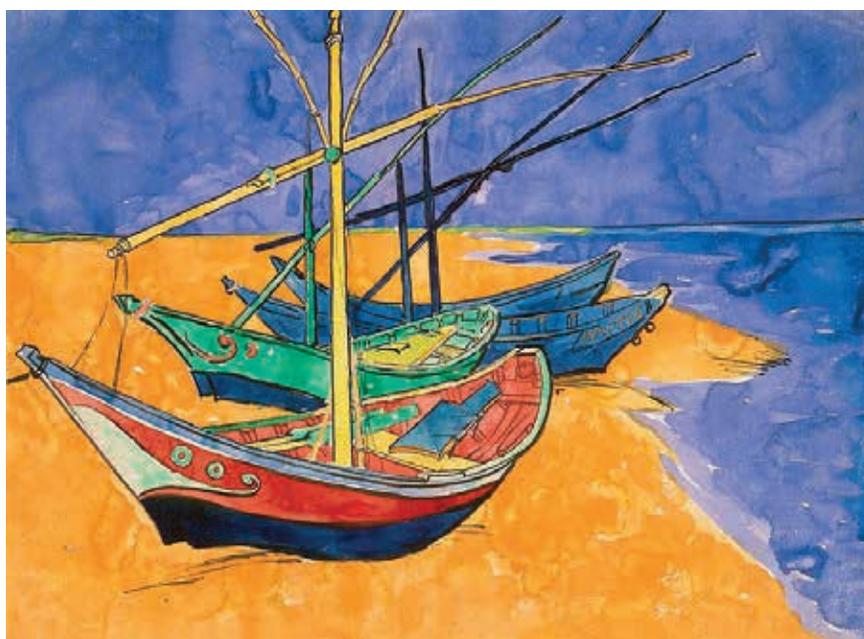


Figura 1 - Vincent Van Gogh, *Boats on the Beach of Saintes-Maries* (junho 1888, óleo sobre tela, 65 cm x 81.5 cm)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fishing_Boats_on_the_Beach.jpg

Destacamos aqui a experiência de Manguel sobre um livro apresentado por sua tia, em que o foco eram as imagens e não a escrita, para exemplificar a dimensão das imagens em nossa formação. Por isso, nessa primeira atividade esperamos que

os alunos olhem para uma pintura, porém não escolhemos um quadro figurativo, mas um abstrato. Vamos partir do impacto causado pela observação de Manguel, tendo isso em mente, passamos à descrição da atividade.

Primeiramente, temos de escolher o modo como devemos apresentar o quadro aos alunos. Sugerimos a projeção, mesmo que nela ocorram perdas significativas da qualidade das cores e das formas, podendo acontecer, em alguns casos, distorção. Contudo, parece ser o melhor meio para que os alunos recebam a informação ao mesmo tempo.

Em seguida, podemos pensar na organização da sala. Nesse caso, nossa proposta é organizar em ferradura, pois fica um espaço no centro para posicionarmos o projetor e os alunos se distribuem de forma confortável para observar a pintura. Além disso, é uma boa distribuição para escutarmos a opinião de todos.

Acreditamos que essa atividade possa ser adaptada, pois, caso não haja um projetor, por exemplo, o professor pode escolher uma pintura acessível, na forma de quadro, reproduzida em livro ou outra qualquer disponível.

Na sequência, depois da organização do espaço, é necessário observarmos detalhadamente a pintura (na página seguinte). Como essa pintura não está em domínio público e depende de autorização para reprodução, faz-se necessário que você a acesse pela internet⁴. Neste momento, oferecemos um esquema, que ajuda a localizar as imagens que vamos trabalhar na pintura, porém ele deve ser utilizado em paralelo com a obra de arte.

Vamos começar por como Joan Miró trabalha a representação humana dentro do campo do simbólico, pois ele opta por utilizar alguns índices que remetem ao ser humano ou, especificamente, às mulheres. Nesse ponto, devemos notar que há alguns olhinhos, identificamos boa parte como sendo das mulheres. Porém o que mais importa, neste momento, é que os alunos reconheçam as imagens maiores, aquelas mais escuras, próximas ao centro do quadro, indicadas pelas elipses pretas no esquema acima, pois elas apresentam marcas mais visíveis que as ligam a uma representação do ser humano.

4 Sugerimos o site <https://www.tate.org.uk/art/artworks/miro-women-and-bird-in-the-moonlight-n06007>)

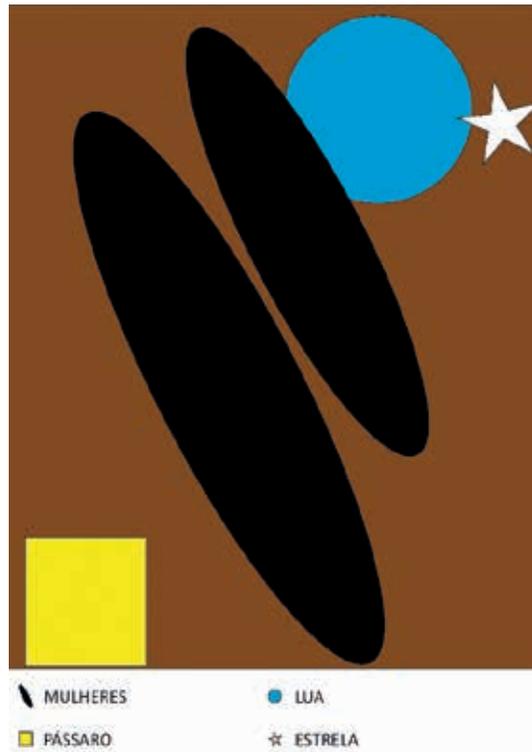


Figura 2

Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

Além da representação humana, temos a presença do pássaro que surge somente como uma pequena imagem, no canto inferior esquerdo do quadro, indicada no esquema pelo quadrado amarelo. O que nos leva a entender essa imagem como pássaro é a predominância das formas pontiagudas e o formato, do que seria um corpo, aproximando-se de nossa concepção comum do que é um animal deste tipo.

Por último, temos o céu, posicionado no canto superior direito da tela, indicado pelo círculo azul e pela estrela branca no esquema. Essa parte provavelmente será a primeira a ser identificada pelos alunos, pois suas formas são mais convencionais com o que estamos acostumados a imaginar como uma representação da lua e das estrelas.

Todo o processo deve, se possível, transcorrer através do diálogo com a sala, a partir de perguntas e respostas, em que o professor orientará alguns pontos da identificação, porém também aceitará as leituras dos alunos. Caso essa primeira atividade corra muito bem, um de seus desdobramentos (o que

já adiantaria a próxima atividade) seria criar uma pequena história oral a partir da leitura do quadro, porém essa proposta deve ser decidida pelo professor, que conhece e sente muito melhor a interatividade da sala.

Por fim, o objetivo desta primeira atividade é introduzir o aluno no campo do simbólico e no exercício de leitura de imagens. A questão do simbólico é um avanço para a compreensão das letras e seu sistema fonético, dando um passo adiante com a semântica. A leitura de imagens serve para dessensibilizar e libertar o olhar do aluno e a articulação dessas duas habilidades será o princípio para a leitura de *Angelina*, mas deixaremos este assunto para a atividade de leitura.

A segunda atividade de pré-leitura trata-se de uma tentativa de criar uma narrativa a partir de uma imagem, que foi escolhida por sua concentração de ações, como podemos observar logo abaixo:

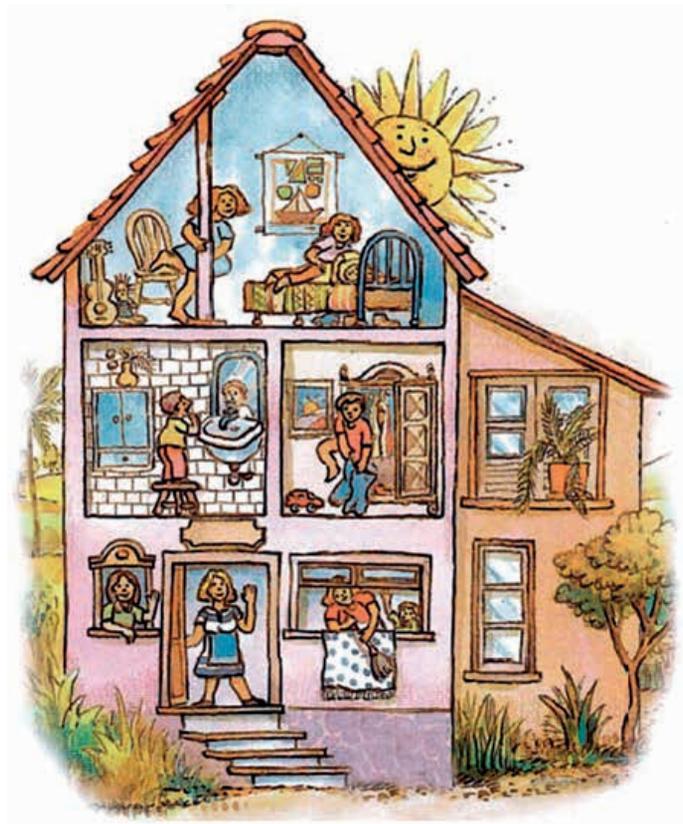


Figura 3 - Ilustração de Gian Calvi

Fonte: CARVALHO, Ana Carolina; SEVERIANO, Ana Paula. **Memórias da literatura infantil e juvenil:** Edição do educador. São Paulo: Museu da Pessoa, [s.d.].
(Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 26 out. 2021).

Notem que a imagem representa diversas atividades cotidianas e os alunos podem identificá-las facilmente. A primeira etapa é justamente a de leitura, observação e identificação das atividades. Diferentemente do quadro de Miró, a ilustração de Gian Calvi é figurativa, ou seja, vemos claramente a representação humana, o que facilita a leitura pelos alunos.

Depois de observarem a imagem e seus detalhes, devemos propor um exercício de narrativa. Precisamos questionar sobre o que eles acham que aconteceu primeiro, segundo, terceiro, etc. Nesse momento, não devemos impor uma ordem, mas respeitar as interpretações, pois o objetivo é que o aluno exercite sua subjetividade sobre o processo social.

Assim que a conversa tiver chegado a um ponto de estagnação, podemos pedir, caso os alunos sejam alfabetizados, a escrita de uma história, caso não sejam ainda, sugerir que desenhem, colocando as ações na ordem que eles imaginaram. Se houver muita dificuldade no momento de ordenar a narrativa, uma opção é imprimir a imagem para os alunos, recortar e deixar que eles as coloquem na ordem que imaginarem. O bom desse exercício é que ele é móvel, portanto, pode ser reutilizado para contar inúmeras outras histórias.

O objetivo desta atividade é fazer com que os alunos exercitem sua imaginação narrativa e também entendam as diferenças através da visão que cada um constrói com suas histórias. Para finalizar, lembro que Regina Rennó (2020, p. 36) conta que:

O trabalho que eu fiz aqui em Gonçalves, com as crianças, me fez lembrar muito desse lugar que eu trabalhei, onde eu aprendi muito sobre o momento da criação de cada um, o respeito que a gente deve ter pelo outro, pelo que o outro vê, pelo que o outro sente e pelo que ele cria e isso meio que norteou o meu caminho dentro de todo meu trabalho.

ATIVIDADES DE LEITURA

As atividades de leitura a seguir contemplam as seguintes habilidades do componente de Língua Portuguesa para os anos iniciais do Ensino Fundamental, estabelecidas pela BNCC: EF15LP01, EF15LP02, EF15LP03, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP11, EF15LP12, EF15LP13, EF15LP15, EF15LP16, EF15LP18, EF15LP19, EF01LP01, EF12LP01.

Para a primeira etapa da atividade de leitura, iremos partir de uma reflexão de Alberto Manguel (2001, p. 21) sobre as imagens:

[...] quer elas [as imagens] exijam de nós uma interpretação nova e original, por meio de todas as possibilidades que nossa linguagem tenha a oferecer [...] somos essencialmente criaturas de imagens, de figuras.

As imagens, assim como as histórias, nos informam.

Essa reflexão explica um pouco a articulação entre a atividade de pré-leitura e a de leitura. Como devem ter notado, toda a atividade de pré-leitura está focada em imagens, a leitura delas e uma possibilidade de elas tornarem-se narrativa. Neste momento, é necessário demonstrar como isso realmente ocorre. Em primeiro lugar, o livro de Regina Rennó é muito bem ilustrado, o que facilita nosso trabalho na apresentação do material e nos leva a começar por uma narrativa oral através das imagens.

Antes de apresentar o título e o nome da autora, sugerimos que os alunos observem o livro de certa distância e dê opiniões sobre o assunto, sobre o que significa cada imagem e, finalmente, qual história elas contam. Talvez seja necessário neste momento cobrir as palavras com blocos autoadesivos ou com algum adesivo que não danifique o livro. Outra opção é o professor, na frente da sala, segurar o livro e folhear para a turma, porém sempre há o risco de um mais espertinho e mais próximo ler o que está escrito.

O objetivo nesta etapa é permitir aos alunos intervirem na narrativa antes de eles descobrirem qual foi a versão escolhida pela autora. Agora é o momento

de incentivar a criatividade da criança, permitir que ela explore as imagens e busque saídas para compreendê-las. Talvez seja necessário ir e voltar na história mais de uma vez, pois esse processo faz parte da criação narrativa e, acima de tudo, como refletiu Regina Rennó (2020, p. 41-42):

[...] uma pequena narrativa visual em que a criança tem total liberdade para criar uma história, o que é muito gostoso, porque o livro fica com muito mais espaço para a criança se perceber, para falar das coisas dela e perceber os outros.

Assim, essa primeira aproximação do livro torna-se um exercício de reconhecimento do outro, refazendo aquele processo que Freire percebeu como crítica: a relação entre o individual e o social.

Passando à segunda etapa da atividade de leitura, devemos apresentar novamente a capa do livro, agora sem cobrir as palavras. Assim, teremos dois nomes: o da personagem e o da autora. Em primeiro lugar, devemos falar sobre a autora. Para isso, sugerimos o início da entrevista que Regina Rennó concedeu ao Zivaldo, no programa ABZ, originalmente exibido pela TV Brasil e hoje disponível no YouTube⁵. O primeiro minuto e meio traz uma breve apresentação criativa da carreira da ilustradora e escritora, além de permitir aos alunos visualizarem o rosto dela.

Apresentada a autora, podemos passar à personagem, neste caso, devemos entrar na tarefa de leitura literalmente falando. Nesta etapa, vamos ler o livro com os alunos. É preferível que cada um tenha um exemplar ou, pelo menos, acompanhem em duplas a leitura. Imaginamos que numa sala de primeiro ano não haverá grande fluência da maior parte dos alunos, pois estes estarão num estágio de aquisição da leitura e da escrita. Por isso, vemos *Angelina* como um livro importante para este momento, pois sua estrutura com duas linguagens facilita a apropriação que o aluno faz do livro.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hxm5LM-qyeI>.

A leitura em si deve ser feita primeiramente de forma linear com os alunos acompanhando as imagens e as palavras escritas. Tal leitura, efetuada pelo professor, trará outra abordagem sobre as imagens, já que havíamos exercitado a leitura somente das ilustrações anteriormente. Após essa primeira leitura, devemos dar um tempo para que os alunos explorem e tentem entender a relação entre o que está escrito e as imagens.

Retornando a uma leitura ponto por ponto, devemos destacar as partes que compõem o conto. A primeira delas deve ser a personagem, pois, mesmo com dificuldade, os alunos devem reconhecer o título do livro como um nome próprio. Essa característica gera um reconhecimento entre quem lê e a personagem, pois podemos explorar a ideia do nome próprio, fazendo com que os alunos notem o princípio de que um nome está ligado a um rosto.

Para isso, não precisamos de muitos materiais, podemos simplesmente fazê-los notar que quando falamos um nome, por exemplo, o nosso, eles imaginam um rosto, o nosso, no caso. A partir disso, podemos expandir mostrando que eles também possuem nomes e que seus nomes estão ligados aos seus rostos e suas formas de agir.

A partir da relação comum entre o nome da personagem e o nome das pessoas na sala, conseguimos criar uma simples conceituação de personagem. Afinal, elas precisam de nomes para existir no ambiente da ficção e, junto com o nome, aparecem as características físicas. Aqui podemos perguntar para os alunos quais são as características de Angelina, que serão inferidas através da observação das ilustrações.

Na sequência, podemos passar a suas ações, elemento que conjuga imagem e escrita. Neste momento, conseguimos delimitar o que é personagem, mesmo que não mencionemos este termo e suas mais complexas definições. No fim das contas, o que queremos é que os alunos reconheçam a presença de uma personagem e consigam identificar suas características, sem que isso torne-se uma análise formal.

Com o reconhecimento da presença humana através da personagem, podemos passar ao segundo elemento do conto: o espaço. *Angelina* é um livro rico na exploração do espaço, talvez seja justo pensarmos que o tema principal dele é o espaço e suas mudanças. O que esperamos que os alunos reconheçam?

Em primeiro lugar, queremos que eles notem a casa de Angelina e a natureza em seu entorno, já que esses elementos estão articulados com as ações da personagem e já foram vistos, de algum modo, anteriormente. Em segundo, é necessário que eles notem a mudança do espaço e a construção de prédios. Esse elemento será parte constituinte do tempo, portanto, é importante, caso os alunos não percebam (acreditamos que isso seja muito difícil de acontecer), que o professor apresente.

Neste ponto, é importante articular a personagem com o espaço. Lembrem que havia uma relação entre o nome de Angelina e o nome dos alunos e como o nome carregava um rosto em nossa lembrança. Agora, precisamos fazer com que os alunos entendam que o espaço é algo familiar, que a personagem e eles vivem em um espaço.

A partir disso, podemos orientar os alunos a identificarem as mudanças ocorridas nos lugares próximos à escola, à casa deles ou a algum que tenha sofrido uma interferência humana recente. Isso deve facilitar o entendimento do livro e criar uma relação de reconhecimento entre a situação da personagem e a deles.

O terceiro componente da narrativa é o tempo, elemento mais complicado de explicar por causa de sua abstração. Nesse caso, a ideia é que os alunos percebam que a mudança do espaço representa a passagem do tempo. Além disso, precisamos retomar aquela ideia da segunda atividade de pré-leitura, em que as crianças deveriam ordenar as imagens para contar a história, e orientá-las a perceber que a ordem em que as ilustrações aparecem representa, de algum modo, o tempo da narrativa.

Talvez a parte mais difícil seja fazer tudo isso com uma linguagem mais acessível aos alunos, deixando todo um léxico técnico de lado, mas, com certeza, vocês, professores, são as melhores pessoas para fazer isso, pois conhecem muito bem os alunos e o ambiente onde ensinam.

Devemos imaginar que esta atividade visa aprimorar a leitura e a escrita dos alunos. Assim, eles podem levar tais conhecimentos para suas casas e suas comunidades, onde podem compartilhar a leitura de histórias com familiares e amigos, favorecendo a construção de um conhecimento solidário.

O objetivo desta atividade de leitura é apresentar ao aluno a fruição estética da literatura através de imagens e palavras. Além disso, visamos aprofundar o conhecimento sobre alguns elementos do conto (personagem, espaço e tempo), sem entrar em muitos detalhes, pois pretendemos somente que eles reconheçam todas as partes sem a obrigação de identificá-las ainda.

Como ponto final desta etapa, podemos destacar que a literatura se presta ao serviço de reconhecimento do eu e do outro, pois trata-se de um objeto que permite a intersecção entre o individual e o social. Afinal, como aponta Alberto Manguel (2001, p. 21): “qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”.

ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA

As atividades de pós-leitura a seguir contemplam as seguintes habilidades do componente de Língua Portuguesa para os anos iniciais do Ensino Fundamental, estabelecidas pela BNCC: EF15LP01, EF15LP02, EF15LP03, EF15LP04, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP13, EF15LP15, EF15LP17, EF15LP18, EF15LP19, EF01LP01, EF12LP02, EF02LP12, EF02LP14, EF12LP05, EF02LP15, EF02LP22, EF02LP26, EF12LP18.

Estas atividades apresentam duas formas de construirmos o conhecimento. A primeira apresentará a inversão da atividade da pré-leitura, pois, se naquele momento buscávamos narrar o que víamos em uma imagem, aceitando as variações por causa das intervenções criativas de cada um dos alunos, agora permitiremos que eles deem asas a sua imaginação, pedindo para que façam desenhos baseados no que ouvirem ou leram. A segunda será um trabalho de observação, que deve levar em conta o percurso, seja por caminhada, seja em veículo, em que alunos e professores irão captar imagens que demonstrem a mudança dos espaços.

Podemos considerar a primeira etapa da atividade de pós-leitura como mais escolar. Ela demanda menos tempo e pode ser feita na sala de aula facilmente. Para isso, precisamos somente dos textos para serem lidos e de material para desenho. Sugerimos dois poemas: “A casa”, de Vinícius de Moraes, e “Um bem-te-vi”, de Manoel de Barros.

A escolha dos poemas se deu por apresentarem uma forte tendência à descrição espacial, porém um traz um espaço imaginativo e outro apresenta uma cena com mais materialidade, que precisa ser decodificada de sua linguagem poética. A ideia é que os alunos tenham que refletir um pouco sobre o que o poema está falando para fazer o seu desenho. De qualquer forma, os dois poemas são sugestões, o professor pode optar por outros que façam mais sentido para ele e os alunos.

Vamos começar com o poema de Manoel de Barros (2010, p. 107), pois a paisagem é mais acessível:

UM BEM-TE-VI

O leve e macio
raio de sol
se põe no rio.

Faz arrebol

Da árvore evola
amarelo, do alto
bem-te-vi-cartola
e, de um salto

pousa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro

pelo enramado...
De arrepio, na cerca
já se abriu, e seca.

Acreditamos que algumas palavras possam ser de mais difícil entendimento para as crianças, como *arrebol*, *evola*, *enramado*, por exemplo. A última estrofe, ainda, pode trazer uma estrutura complexa, pois elide o sujeito. Afinal, quem se abriu, o bem-te-vi.

A leitura do poema deve ser feita com os alunos acompanhando, cada um com sua versão ou em dupla, quantas vezes forem necessárias. Sempre tirando as dúvidas sobre os significados das palavras ou sobre trechos que não ficaram claros. Depois da leitura e compreensão do poema, podemos passar aos desenhos. Deem o tempo necessário para que os alunos consigam desenhar e pintar.

Depois que as obras estiverem prontas, sugiram que eles contem a história de seus desenhos. Isso tudo é um pouco inspirado no comentário de Regina Rennó (2020, p. 40) sobre sua infância:

O meu trabalho começa quando eu encontro um material que me agrada muito. Eu fui uma criança que tinha acesso a coisas da natureza. Imagina que na frente da primeira casa onde eu morei, onde eu também nasci, tinha tabatinga, uma argila branca. E com ela, nessa época, eu já construía brinquedos, bichinhos.

Nesta etapa, o objetivo é que os alunos exercitem sua interpretação da leitura e sua imaginação, fazendo com que a criação de objetos artísticos seja um processo de aprendizagem coletivo, pois eles precisam conversar sobre o poema e, depois, tentar expressar suas ideias em um desenho.

Claro que a liberdade imaginativa do aluno está embasada pela temática presente no poema. Por isso, esperamos que os desenhos tenham um bem-te-vi, um bebedouro, uma árvore, não necessariamente nessa ordem. A narrativa sobre os desenhos deve, muito provavelmente, tratar do passarinho.

Como professores devemos estar abertos a ouvir o que os alunos têm a dizer, portanto, em alguns momentos é melhor esperarmos. Por exemplo, se um aluno chegar com um desenho que não tenha nenhum dos elementos do poema, devemos aguardar sua história, pois a leitura daqueles versos pode ter despertado algo que não esteja explícito, como um parente ou uma brincadeira.

Passemos à segunda etapa, a leitura do poema “A casa”, de Vinícius de Moraes (2004, p. 23):

A CASA

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Esse poema bastante conhecido de diversas gerações apresenta alguns problemas para os alunos, pois, se no poema de Manoel de Barros havia a materialidade do passarinho, do bebedouro e das árvores, por exemplo, o poema de Vinícius de Moraes trabalha com o esvaziamento do signo “casa”. Afinal, os versos apresentam uma casa que não possui os elementos que caracteristicamente compõem esse signo.

O processo explorado pelo poeta serve para que as crianças usem mais ainda sua imaginação, pois, se no poema anterior havia elementos que esperávamos nos desenhos, neste não há obrigatoriedade, ainda que saibamos que a casa estará presente em boa parte dos trabalhos apresentados pelos alunos.

Além do poema, podemos utilizar a música baseada nele, sugerimos a versão disponível no Canal Letrinhas, ligado à Companhia das Letras⁶. Num primeiro momento, acreditamos que seja melhor não mostrar o clipe, pois ele pode influenciar os desenhos das crianças e não é isso o que queremos neste momento. Então, vamos deixar o clipe para depois que os alunos apresentarem seus desenhos e contarem suas histórias. Assim, eles poderão comparar suas versões com as do vídeo.

Retornando, mais uma vez, a Alberto Manguel (2001, p. 28), autor bastante presente em nossas aulas até aqui, devemos ler mais um pequeno trecho, que reflete, de certo modo, sobre a questão da visão crítica que buscamos nessas aulas: “Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa”.

Essa afirmação de Manguel nos remete à questão de Freire, pois há o respeito à consciência do aluno e sua intervenção na realidade social, ou seja, há um espaço para que ele reconheça as coerções e as supere através da percepção de seu poder constitutivo, exercitando sua consciência na prática social. O que buscamos fazer aqui foi demonstrar certos limites, os estabelecidos pelos poemas, por exemplo, mas permitir que eles exercessem sua subjetividade sobre eles e, assim, construíssem um processo que pode os tornar cada vez mais críticos.

Essa crítica deve ser transferida agora para o cotidiano escolar ou domiciliar. Longe de acreditar que todos têm acesso a mecanismos de registro fotográfico como câmeras, celulares, tablets, etc., mas propomos a coleta de imagens de algum espaço escolhido pelo professor e que seja de fácil acesso aos alunos. Acreditamos que o ideal é que o professor, se possível, consiga um passeio em

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PufmlkS3vko>.

algum lugar próximo à escola, de preferência um que eles conheçam. A ideia é que, em consonância com *Angelina*, eles reconheçam as mudanças no espaço onde vivem. Um muro pintado, um buraco, uma árvore cortada ou plantada, uma placa, qualquer marca de modificação pode auxiliar na percepção que eles vão criar do lugar.

O ideal seria que, ao longo do ano, professores e alunos pudessem refazer o trajeto e a observação do lugar, buscando identificar as mudanças. Com isso, podemos construir uma história desse espaço e transformá-la em uma narrativa coletiva, em que os alunos são protagonistas. As fotografias podem servir mesmo para formar uma história nos moldes de *Angelina*, se pensarmos no campo da ficção, ou uma história da praça, do bairro, de uma casa, de um museu, de um lugar que se tornará importante para a escola, pois passará a fazer parte de sua memória.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

Poesia reunida do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Ainda que utilize somente um dos tantos poemas do livro, vale a pena a leitura, pois sua poesia revela um modo bastante perspicaz de observação do cotidiano.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

Descrição do currículo do Ensino Básico brasileiro.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. Brasília: MEC; SEALF, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento do Plano Nacional de Alfabetização com os parâmetros para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

CARVALHO, Ana Carolina; SEVERIANO, Ana Paula. **Memórias da literatura infantil e juvenil**: Edição do educador. São Paulo: Museu da Pessoa,[s.d.]. Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 26 out. 2021.

Este volume organizado pelo Museu da Pessoa de São Paulo traz um ótimo material para o educador, apresentando como podemos utilizar as histórias de vida como parte do trabalho com a literatura e a formação de leitores.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização, leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Este livro complementa a leitura de *A importância do ato de ler*, que no Brasil saíram em edições separadas. As discussões presentes no volume ajudam a delimitar alguns conceitos de Paulo Freire com intervenções excelentes de Donaldo Macedo.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Livro sobre a leitura das imagens e suas controvérsias. O autor traz discussões aprofundadas sustentadas pela sua erudição. Vale a pena a leitura pelo exercício crítico que ele estabelece em um linguagem clara.

MORAES, Vinícius de. **Arca de Noé**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

Livro muito conhecido de Vinícius de Moraes, que sempre lembra as versões musicadas dos versos. Excelente para leitura nos primeiros anos.

RENNÓ, Regina; RUIZ, Regina Célia; CUNHA, Maria Zilda da. Pensamento e arte em mediações de leitura: entrevista com Regina Rennó. **Literartes**, São Paulo, v. 1, n. 13, p. 31–52, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2020.180095. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/180095>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Entrevista de Regina Rennó para as professoras Regina Celia Ruiz e Maria Zilda da Cunha, em que a autora reflete sobre sua prática de ilustração e escrita, além de fazer uma releitura de sua carreira.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Apresentação do memorial com a carreira de Magda Soares, importantíssima pensadora da educação brasileira.

SITES

<https://www.tate.org.uk>

<https://www.artic.edu/collection>

<https://museudapessoa.org/>

<https://pt.wikipedia.org>

<https://www.youtube.com/> [Canal da TV Brasil e Canal LetrinhaZ].